

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 382/2016

O FILME DO TEMPO

Vamos mudar de assunto. Enquanto o congresso decide sobre o golpe paraguaio, nós podemos relaxar um pouquinho. Falar de cinema, por exemplo.

Há um filme interessante no circuito comercial, um documentário de Adriana Dutra sobre o tema do tempo. Interessante não só pelo que os diversos depoentes dizem, que afinal não acrescenta muito ao que já é dito e pensado pelo mundo, mas sobretudo pelo que eles nos mostram sobre a felicidade humana.

O olhar, a expressão fisionômica, os gestos e o ritmo de cada um, e a correlação dessas aparências com o conteúdo do que falam, tudo isso revela um estofado de tranquilidade ou de tensão na alma de cada um que, certamente, tem muito a ver com a dose de felicidade humana que desfrutam.

Os dois religiosos, a monja budista e o rabino Bonder, sobressaem nitidamente na superação das aflições comuns da vida, mas o sociólogo italiano Domenico de Masi, com a sua simpática bonomia, e o físico brasileiro Marcelo Gleiser, com a clareza calma da sua visão do cosmo, não parecem menos capazes dessa felicidade natural. O outro brasileiro, cujo nome me escapou, que tem uma diferença na boca e aparece bastante com explicações tranquilas, também passa uma aura de satisfação cotidiana.

De outro lado, os dois crentes da tecnologia transumana, homem e mulher de fala inglesa, ele com um anel vistoso e ela com um rictus facial antipático, tresandam um rebuliço de espírito que pode trazer resultados muito eficazes no desenvolvimento da ciência mas não parece compatível com um dia-a-dia feliz.

O tempo é indiscutivelmente um fator decisivo na qualidade da vida humana e Adriana Dutra idealizou e realizou um bom documentário sobre o tema. Um filme que fala do sentido prático do tempo, que interessa à maioria. Poderia enriquecer um pouquinho mais o conteúdo filosófico, convocando algum pensador heideggeriano para mostrar a relação do ser específico do homem com o tempo. O tempo humano, claro, aquele de que fala o filme, não o tempo cósmico, o espaço-tempo que ninguém sabe o que é.

Mas há outro atributo mais importante da vida, que é a felicidade. Esticar o tempo de vida pela tecnologia é muito bom, se for um tempo feliz, um tempo de paz ou um tempo que acena com a felicidade, não se for um tempo de ansiedade, de sofrimento físico ou mental. Atingir a imortalidade da consciência transposta para uma máquina eletrônica digital, algo sugerido por um daqueles transumanistas, já me parece um horror. Imagino-me encaixotado num computador, sem o meu corpo, consciente do meu passado, da minha vida, agora só vendo e ouvindo o mundo pela janela.

Na medida em que o filme enseja apreciações sobre o tema da felicidade, já sugere à diretora o plano de fazer um novo documentário sobre este outro atributo essencial. Comte-Sponville, um dos mais importantes filósofos da atualidade, que aparece bastante no filme do tempo, já tratou deste outro tema decisivo, e poderia sobre ele dar uma excelente contribuição.

Fica a sugestão. E a recomendação do filme em cartaz para os que gostam de cinema. E já que estou recomendando, incluo outro que também está em cartaz, “Nossa irmã mais moça”, despretensioso e belo, amável, iluminado pela delicada sensibilidade de mulheres japonesas. Lembro-me bem dos filmes americanos dos anos quarenta, que retratavam os japoneses como o povo mais bárbaro e cruel do planeta. Povo merecedor, por conseguinte, do genocídio de Hiroshima e Nagasaki. Depois acabou a guerra, apareceu Kurosawa e mudou a imagem. Que belos filmes japoneses temos visto. A irmã mais nova é um deles.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br